



GT – “01”: “Agronegócio globalizado, urbanização e reestruturação urbano-regional e das cidades”

DIVISÃO INTRARREGIONAL DO TRABALHO NAS CIDADES DO AGRONEGÓCIO CAFEIEIRO DA MESORREGIÃO SUL/SUDOESTE DE MINAS GERAIS.

Renata Vieira de Melo
Universidade Federal de Uberlândia
renata.vieirademelo78@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar a divisão intrarregional do trabalho a partir das funções desempenhadas pelas principais cidades do agronegócio cafeeiro na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais. Através dessa análise, percebe-se a racionalização da economia urbana para atender às crescentes demandas de produção e comercialização dessa *commodity*. Nesse contexto, tais cidades assumem papéis específicos na rede geográfica da cafeicultura, destacando-se pela oferta de serviços e infraestruturas voltados ao consumo produtivo do setor.

Palavras-chave: Cidades do Agronegócio, Cafeicultura, Divisão Intrarregional do Trabalho.

1. INTRODUÇÃO

A economia cafeeira em Minas Gerais passou por transformações técnicas, políticas e econômicas significativas ao longo do tempo. A reestruturação produtiva da agropecuária criou novos arranjos territoriais produtivos, além de novas dinâmicas socioespaciais e diferentes usos do território.

Nesse contexto, com a modernização do campo, surgiram ambientes altamente favoráveis à operação dos capitais hegemônicos na agricultura moderna, vinculados ao consumo produtivo e às demandas da produção (SANTOS, 1993). Elias (2007) denominou

essas áreas próximas às zonas de agricultura moderna, que se tornaram funcionais à produção, como "cidades do agronegócio".

O Brasil é o maior produtor mundial de café e, segundo dados do IBGE (2022), a produção total do país alcançou 3.172.562 toneladas. Minas Gerais, que contribui significativamente para essa produção, produziu cerca de 1.397.270 toneladas. Destas, 521.753 toneladas vieram da mesorregião Sul/Sudoeste do estado, que se destaca como uma importante região cafeeira tanto em Minas Gerais quanto no Brasil.

Portanto, este artigo tem como objetivo analisar a divisão intrarregional do trabalho para identificar as principais funções urbanas desempenhadas pelos municípios especializados na produção cafeeira da mesorregião. Para isso, selecionamos e examinamos esses municípios, que podem ser reconhecidos como "cidades do agronegócio" cafeeiro.

Para alcançar o objetivo deste estudo, realizamos uma revisão bibliográfica fundamentada em pressupostos teórico-conceituais relevantes para a temática central. Utilizamos obras de autores como Elias (2007, 2022), Frederico (2014) e Santos (1993), entre outros, que embasaram a análise e interpretação das dinâmicas econômicas discutidas. Além disso, consultamos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), incluindo o Censo Agropecuário de 2017 e a Produção Agrícola Municipal (1990-2022), disponíveis na plataforma Sidra-IBGE. Também recorremos aos dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio e da plataforma DataViva do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas (Cedeplar/UFMG), para obter elementos quantitativos essenciais à interpretação da realidade econômica da região. Para melhor compreensão e exposição dos dados, foram elaborados mapas, tabelas e gráficos.

O artigo está estruturado em seções. A primeira seção é introdutória, estabelecendo o contexto e o objetivo geral do estudo. A segunda seção aborda os principais conceitos relacionados à temática, com destaque para a base conceitual. Em seguida, apresentamos uma análise da área de estudo, destacando as principais cidades do agronegócio na região, suas características e particularidades. Por fim, as considerações finais que sintetizam a análise realizada.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A DIVISÃO INTRARREGIONAL DO TRABALHO E AS CIDADES DO AGRONEGÓCIO.

A divisão territorial do trabalho é o processo que atribui novas funções aos lugares. Santos (1993, p. 73) afirma que "os lugares têm a tendência a se especializar tanto no campo como na cidade, estando esta especialização mais ligada às condições técnicas e sociais do que aos recursos naturais". Com a globalização, essa tendência se manifesta geograficamente através do aprofundamento da especialização produtiva regional.

Segundo Frederico (2014), a modernização e a expansão da produção agrícola no Brasil resultaram na formação de regiões competitivas. Essa dinâmica geográfica tem promovido uma crescente especialização produtiva em nível regional, atraindo investimentos públicos e privados e agregando diversos fatores produtivos. Isso contribui para uma maior eficiência na produção e para a integração competitiva dessas regiões e seus produtos, especialmente nos mercados internacionais.

Diante disso, é fundamental evocar que as transformações no modo de produção agrícola, sobretudo com a globalização, engendraram a reestruturação produtiva do território rural e urbano no Brasil, refazendo as condições técnico-científicas e informacionais da produção no campo e exigindo cada vez mais um suporte urbano à moderna produção agrícola.

Como resultado desse processo, surgiram novas dinâmicas de interação campo-cidade, e simultaneamente, a configuração de cidades especializadas para atender às exigências dos principais agentes do agronegócio, ou seja, uma nova divisão territorial do trabalho marcada pelo surgimento de cidades novas ou refuncionalizadas. Portanto, torna-se necessário considerar as interações entre esses espaços e suas relações em múltiplas escalas.

Elias (2006) destaca a importância de considerar os espaços urbanos resultantes da reestruturação produtiva da agropecuária, uma vez que essa reestruturação tem causado transformações significativas na produção dos espaços, com impactos territoriais e sociais. A autora acrescenta:

A reestruturação produtiva da agropecuária brasileira está entre os processos que promovem o aprofundamento da divisão social e territorial do trabalho contribuindo para uma total remodelação do território e a organização de um novo sistema urbano. As novas relações entre a cidade e o campo, impostas pela agricultura científica globalizada, representam um papel fundamental para a expansão da urbanização e para o crescimento das cidades médias e locais, fortalecendo-as em termos demográficos e econômicos (ELIAS, 2006, p. 289).

No contexto brasileiro, as transformações no campo, impulsionadas pela globalização, têm gerado novas demandas para as cidades, levando à sua refuncionalização, um processo que depende significativamente do crescimento do setor terciário. Assim, as áreas próximas à agricultura moderna tendem a atender às exigências do consumo produtivo do setor (ELIAS, 2022). De acordo com Santos (1993), esse tipo de consumo está alinhado com as necessidades da produção, ou seja, com a reprodução dos meios de produção que envolvem um crescente uso de ciência, tecnologia e informação, cada vez mais intensos em capital.

Nessa perspectiva, a agricultura científica globalizada não apenas transforma o modo de produção do campo, mas também requer que a reconfiguração de cidades elementos essenciais para todo o circuito espacial produtivo (FREDERICO, 2011; SANTOS, 1986). A cidade, nesse contexto, assume um papel fundamental na consolidação, manutenção e reprodução das dinâmicas agrícolas do campo.

Com relação a cafeicultura, isso se materializa na condição de uma cafeicultura científica globalizada (FREDERICO, 2014) isto é “a emergência de uma cafeicultura subordinada a parâmetros produtivos mundiais, e que recebe a influência das mesmas leis que regem os demais aspectos da economia globalizada” (FREDERICO, 2014, p. 57) moldando as dinâmicas agrícolas, e também, urbanas, das regiões que participam dos seus nexos de produção.

Um caminho metodológico para a análise desta nova condição posta às cidades imersas nas regiões agrícolas modernas é a análise do consumo produtivo do campo. Ao analisar as relações e trocas entre o rural e o urbano, Santos (1993, p. 50) afirma que “o consumo produtivo rural não se adapta às cidades, mas, ao contrário, as adapta” enfatizando além da relação dialética entre os lugares, a potencialidade das cidades de se tornarem “lugares do fazer” da agricultura moderna. O autor utiliza o termo "cidades do campo" (SANTOS, 1993) para se referir a essas localidades, caracterizando-as da seguinte forma:

Elas [as cidades] se diferenciam cada vez mais pelo fato de o nexo do consumo produtivo ser ligado à necessidade de encontrar, no lugar e na hora, respostas indispensáveis à marcha da produção. Este fenômeno, antes restrito às cidades, que eram “depósitos” para os fatores da produção industrial, agora também se dá no campo, com a diferença de que, a partir desse momento, a regulação do mundo rural não se faz mais no campo. Hoje, nas áreas mais desenvolvidas, todos os dados da regulação agrícola se fazem no urbano, novidade que em muito muda a significação, neste período, da urbanização brasileira (SANTOS, 1993, p. 56).

Nessa conjuntura, Elias (2022) promove uma releitura complementar dos estudos previamente conduzidos por Santos (1993). A autora supracitada desenvolve a noção de “consumo produtivo do agronegócio”, adjetivando o conceito com o objetivo de esclarecer mais precisamente a quais conjuntos de atividades esse consumo está intrinsecamente relacionado. Com isso, aponta o agronegócio globalizado como um dos principais vetores de reorganização do território e conseqüentemente da (re)estruturação de muitas cidades.

Em continuidade ao raciocínio anterior, o termo "cidades do campo" empregado por Santos (1993), foi descrito por Elias (2006) como “cidades do agronegócio”, acompanhando a premissa de enfatizar os agentes e fenômenos responsáveis pelas alterações territoriais urbanas inerentes às transformações do campo. Assim, a autora compreende que:

(...) é possível identificar no Brasil agrícola moderno vários municípios cuja urbanização se deve diretamente à consecução e expansão do agronegócio, e formam-se cidades cuja função principal claramente se associa às demandas produtivas dos setores relacionados à modernização da agricultura. Como observado, nestas cidades se realiza a materialização das condições gerais de reprodução do capital do agronegócio (ELIAS, 2006, p. 57).

Nesse sentido, Elias (2006) caracteriza as cidades do agronegócio como aquelas cujo propósito principal será atender às necessidades instantâneas da agricultura moderna, visto que essa função urbana prevalece sobre qualquer outra atividade econômica local. Conforme Elias (2006, p.56) “isso explica em parte a reestruturação do território e a organização de um novo sistema urbano, muito mais complexo, resultado da difusão da agricultura científica e do agronegócio globalizado, que têm poder de impor especializações produtivas ao território”.

Conforme a perspectiva de análise de Corrêa (2010), a especialização de uma cidade pode ser compreendida por meio das suas funções urbanas. Por conseguinte, as cidades do agronegócio podem ser identificadas como aquelas cujas funções são voltadas a atender prontamente as demandas financeiras, técnicas, científicas, logísticas e de mão de obra necessárias para a consecução e reprodução do agronegócio globalizado.

Ademais, Elias (2022) fundamenta que as cidades do agronegócio “são os espaços urbanos não metropolitanos inseridos em amplas regiões produtivas de *commodities* agrícolas, nos quais ocorre a gestão local e regional do agronegócio. De maneira geral, possuem distintos níveis de urbanização e são cidades pequenas ou médias” (ELIAS, 2022, p. 1009).

Nesse sentido, apesar das variações escalares entre essas localidades, é importante notar que “todas constituem-se como pontos ou nós da rede de relações do agronegócio globalizado e, dessa maneira, como imprescindíveis para a reprodução do capital do

segmento” (ELIAS, 2022, p. 1010) pois, constituindo-se como parte fundamental dos circuitos espaciais de produção e de seus respectivos círculos de cooperação.

Torna evidente que, nessas localidades, a economia urbana, especialmente no setor terciário, é substancialmente acionada para atender às demandas do agronegócio. Posto isso, nessas áreas que se concentram as indústrias de processamento, os estabelecimentos comerciais que oferecem insumos e maquinaria agrícola, bem como as instituições financeiras especializadas em crédito para o setor (ELIAS, 2022). Além disso, essas localidades abrigam reservas de força de trabalho, constituindo como ambientes favoráveis e estratégicos para execução da atividade.

Dentre os agentes hegemônicos que desempenham papéis influentes nos territórios em questão, é essencial ressaltar a presença significativa de conglomerados agrícolas e empresas multinacionais que operam em várias etapas do circuito espacial produtivo relacionados à *commodity* à qual esses territórios estão especializados. Nesse contexto, tais cidades também se manifestam como forma concreta da "produção de espaços corporativos", conforme abordado por Santos (1993). Isso indica que a configuração e a dinâmica desses territórios são moldadas de maneira preponderante pelas ações e influência de grandes corporações, que desempenham um papel na coordenação e direcionamento da economia e na estruturação do espaço local, regional e global.

Todavia, para uma operacionalização da análise das cidades do agronegócio, Elias (2022) propõe o enfoque em eixos temáticos, como: reestruturação produtiva da agropecuária, consumo produtivo do agronegócio, composição do setor industrial, dinâmica populacional, dinâmica do mercado de trabalho, (re)estruturação da cidade e desigualdades socioespaciais na escala intraurbana.

Inicialmente, de acordo com as variáveis supracitadas, concentram no consumo produtivo do agronegócio cafeeiro da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, tendo como base o apontamento de algumas cidades fundamentais ao funcionamento do segmento cafeeiro, são elas: Varginha, Alfenas e Guaxupé.

Com relação a conjuntura populacional, essas cidades são de médio e pequeno porte e desempenham funções regionais, abrigam conglomerados multinacionais do setor cafeeiro e, portanto, exercem influência sobre as áreas produtivas do cultivo. Nesse sentido,

(...) o café, principal produto do agronegócio sul mineiro, é um fator demasiadamente importante para a dinamização da região, crescimento e polarização de algumas cidades, possuindo capacidade de atrair imigrantes para as

idades produtoras, assim como, exerce grande poder para a economia local, podendo centralizar e polarizar outras regiões ao entorno (MELO, 2021, p.111).

Ampliando a escala de análise para as microrregiões que se destacam em relação à produção cafeeira e a presença de fixos geográficos inerentes ao trabalho do setor, Varginha, Guaxupé, Alfenas, São Sebastião do Paraíso, Pouso Alegre e Passos assumem importantes papéis comerciais e produtivos na cafeicultura regional (GUIDA; ALVES, 2012). Essas microrregiões concentram a maior parte dos serviços e infraestruturas diretamente relacionados ao circuito espacial produtivo do café na região.

Tais cidades desempenham funções específicas à região produtiva e ao circuito espacial produtivo a tal ponto que intentamos reconhecê-las como "cidades do agronegócio" (ELIAS, 2007). Essas localidades, são imprescindíveis para a reprodução da cafeicultura científica globalizada (FREDERICO, 2014) e figuram como pontos estratégicos para o investimento de capitais estrangeiros, mercado de trabalho para seus residentes e imigrantes e *locus* para instalação de empreendimentos inerentes ao setor.

Nesses locais é possível notar o crescimento do consumo produtivo (SANTOS, 1993) voltado à cafeicultura, ou seja, uma ampla gama de serviços que atendem às necessidades do agronegócio local e regional, o que incrementa as atividades do setor terciário. Ao analisar a organização territorial e a economia urbana, sob a perspectiva do circuito espacial produtivo, conforme delineado por Santos (1986), é possível identificar uma intrincada rede de fixos como aporte para a realização da atividade, o que inclui áreas de cultivo, unidades de beneficiamento, armazéns, torrefações, agências de suporte técnico e financeiro, instituições educacionais e científicas, estação aduaneira e, notavelmente, as empresas de comercialização como as cooperativas de café e exportadoras.

2.2 AS CIDADES DO AGRONEGÓCIO CAFEIEIRO: ALFENAS, GUAXUPÉ E VARGINHA.

A mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, delimitada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma das 12 mesorregiões que compõem o estado de Minas Gerais. Abrangendo 146 municípios distribuídos em 10 microrregiões, essa região se destaca pela sua relevância na produção de café, sendo reconhecida como a principal área produtora desse grão no país.

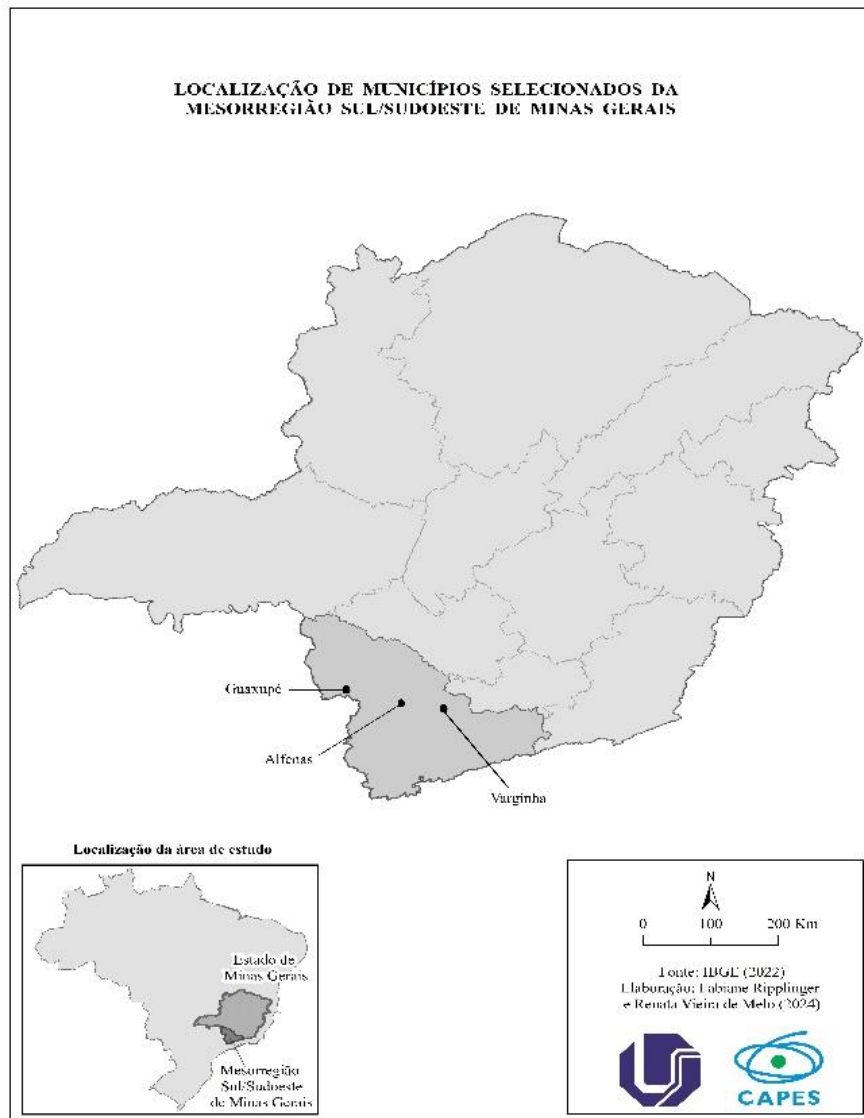
Na totalidade do estado, a mesorregião é responsável por abrigar a maior número de estabelecimentos agropecuários da agricultura familiar (18,4%), o que engloba aproximadamente cerca de 75% dos produtores nessa atividade (IBGE, 2022), tal situação, justifica a presença de organizações como grandes cooperativas que atuam na organização da produção e comércio do café na região.

Em termos econômicos, a mesorregião se destaca como a principal produtora de itens agropecuários em Minas Gerais, contribuindo com mais de 20% para o Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Em termos populacionais, a região cresceu cerca de 6,29%, alcançando uma população total de 2.592.054 habitantes, de acordo com os dados do censo de 2022 (IBGE, 2023). Os municípios mais populosos são Poços de Caldas, Pouso Alegre, Varginha, Passos e Alfenas.

Com relação a cafeicultura a mesorregião de destaque é responsáveis por grande parcela da produção estadual (mais de 521.7 toneladas) em 2022 (IBGE, 2022). Tal situação permite o reconhecimento da permanência dessa atividade na área, já que a mesma se mantém ativa há mais de dois séculos, e mesmo com as oscilações no mercado, intempéries climáticas e emergências de outras *commodities* como a soja, o café segue como o principal produto do agronegócio regional.

Nessa área, alguns municípios e suas sedes se destacam por participar do processo de especialização regional produtiva na cafeicultura. Diante disso, propomos intitula-los como “cidades do agronegócio” cafeeiro, já que tais localidades portam-se como espaços especializados para suprir as demandas do consumo produtivo, dentre eles selecionamos especialmente para essa análise três, são eles: Varginha, Alfenas e Guaxupé, presentes na Figura 1 a seguir:

Figura 1: Mapa de localização das principais cidades do agronegócio cafeeiro na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais.



Fonte: IBGE, 2022. Organização da autora.

É importante esclarecer que estamos denominando como "cidades do agronegócio cafeeiro" os núcleos urbanos que desenvolveram funções e expandiram suas economias em torno do consumo produtivo do agronegócio cafeeiro. Essas cidades apresentam um conjunto específico de características territoriais, incluindo: comércios e serviços voltados para as demandas do agronegócio, oferta de ensino técnico e tecnológico relacionado ao setor, produção agrícola predominantes sobre as demais atividades, presença de multinacionais e *tradings*, crescimento populacional e mercado de trabalho vinculados ao segmento.

A Tabela 1 demonstra a expressão que o café atinge nessa área:

UF/MS/MU	1990	1991	2000	2001	2010	2011	2020	2021
----------	------	------	------	------	------	------	------	------

Minas Gerais	1.040.799	1.179.203	1.651.261	1.703.316	1.504.188	1.335.738	2.064.689	1.359.828
Sul/Sudoeste	377.685	535.926	747.971	682.225	646.302	519.908	939.723	566.911
Alfenas	10.816	16.200	30.000	18.720	21.224	15.049	21.750	13.399
Varginha	6.474	7.352	7.722	7.722	10.846	4.499	8.526	4.590
Guaxupé	9.014	15.660	8.352	12.480	9.002	8.716	17.248	8.970

Tabela 1: Quantidade Produzida (Toneladas) de café no Estado, Mesorregião e Cidades do Agronegócio.

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal (2022).

Conforme a Tabela 1, Minas Gerais é o maior produtor de café do Brasil, destacando-se a mesorregião Sul/Sudoeste como a principal área produtora do estado. No entanto, cidades selecionadas, como Guaxupé, Varginha e Alfenas, não se destacam pelo volume de produção de café. Apesar disso, essas cidades desempenham papéis essenciais no circuito espacial do produto, atuando como importantes centros de comercialização, fornecimento de insumos, maquinários e serviços técnicos diretamente relacionados à cafeicultura. Dessa forma, mesmo sem serem grandes produtoras, contribuem para a dinâmica econômica e operacional do setor cafeeiro na região.

No contexto do consumo produtivo direcionado ao cultivo de café, podemos identificar uma divisão intrarregional do trabalho entre os núcleos que denominamos como "cidades do agronegócio cafeeiro." Algumas dessas cidades de porte médio acabam desempenhando e concentrando certos serviços específicos para o setor.

É o caso de Alfenas, município com 78.970 habitantes (IBGE, 2022) e que se destaca por seu setor terciário especializado, conferindo à cidade um papel central no fornecimento de serviços e comércio para o agronegócio. Em Alfenas, encontramos serviços de processamento de grãos, lojas de sementes, agrotóxicos, maquinário, adubos, assistência técnica, escritórios de comercialização, e sede dos principais bancos que financiam o agronegócio (ALVES, 2023).

Seguindo essa mesma linha de análise também identificamos Varginha, que conta com 136.467 habitantes (IBGE, 2022), cidade de porte médio, e centro logístico da cafeicultura na região devido à presença do Porto Seco Sul de Minas e à sua infraestrutura para armazenamento, processamento e escoamento do café. Isso a torna um ponto estratégico nas redes de produção e distribuição do grão. Além de abrigar escritórios administrativos de importantes instituições como o Ministério da Agricultura, Agência Nacional de Vigilância Sanitária e as Receitas Federal e Estadual, o núcleo urbano também é sede de vários agentes

internacionais do setor cafeeiro, incluindo Neumann Kaffee Gruppe, Ecom Agroindustrial, Stockler Exportadora, Louis Dreyfus, Mercon Brasil, Sucafina S/A, Volcafé, Cofco Agri e Olam (VILAS BOAS, 2019). Essas empresas contribuem para a inserção da região na rede global do agronegócio cafeeiro.

É importante destacar que a mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais é composta majoritariamente por municípios de pequeno porte. Apesar de serem menores, esses núcleos têm na produção cafeeira um eixo central que atravessa diversos setores da economia urbana local. A produção de café impulsiona a dinâmica econômica dessas cidades, seja gerando empregos, seja promovendo o surgimento de funções diversificadas alinhadas ao cultivo. Assim, mesmo sendo de pequeno porte, esses municípios ganham relevância ao contribuírem significativamente para a economia regional.

É o caso de Guaxupé, que conta com 50.911 habitantes (IBGE, 2022) cidade sede da maior cooperativa de café do mundo. A Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), foi pioneira na região, a organização registra uma receita estimada em mais de 10 bilhões de reais (OCEMG, 2023) e conta com aproximadamente 18 mil cooperados. Por sua magnitude, exerce uma influência abrangente sobre 300 municípios nos estados de Minas Gerais e no oeste paulista (COOXUPÉ, 2022), sendo responsável por grande parte da produção e exportação de café da região, portanto, atua em diversas etapas do circuito espacial produtivo.

Com relação ao crescimento populacional pós 1990 temos a seguinte situação na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Crescimento populacional de Minas Gerais e cidades do agronegócio.

Município/UF	População em 1991 (mil/habitantes)	População em 2000 (mil/habitantes)	População em 2010 (mil/habitantes)	População em 2022 (mil/habitantes)	Crescimento em relação a 2010
Minas Gerais	15.743.152	17.891.494	19.597.330	20.539.989	4,80%
Alfenas	52.700	66.957	73.774	78.970	7%
Varginha	88.022	108.988	123.081	136.467	10,90%
Guaxupé	39.611	47.036	49.430	50.911	2,99%

Fonte: Censo Demográfico do IBGE em 1991, 2000, 2010, 2022.

Enfatizamos o período pós-1990, pois esse intervalo marca a neoliberalização da economia e a entrada de capital estrangeiro por meio de empresas monopolistas do setor cafeeiro, tornando as cidades locais dinâmicas. De acordo com os dados da Tabela 2,

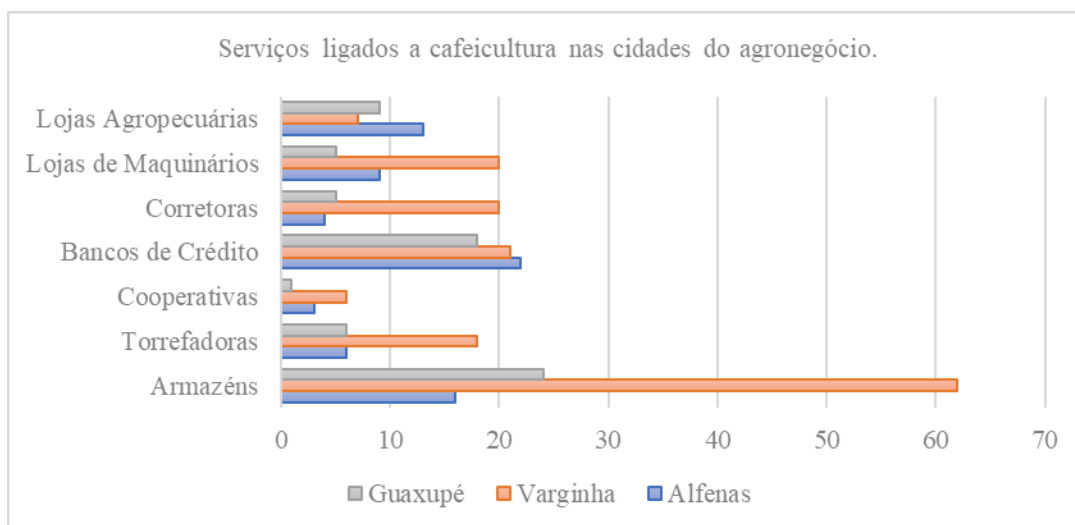
observamos que duas das três cidades selecionadas, Varginha e Alfenas, apresentaram um crescimento populacional acima da média estadual. Alfenas e Varginha têm o potencial de experimentar um crescimento populacional mais acentuado devido à sua capacidade de atrair e fixar imigrantes que trabalham no setor de serviços urbanos. Essas cidades oferecem uma infraestrutura e uma gama de oportunidades que favorecem a instalação permanente desses trabalhadores, impulsionando seu desenvolvimento demográfico.

Por outro lado, Guaxupé não cresceu tanto quanto as outras duas cidades, em parte porque, além da Cooxupé, não possui grandes empresas que promovam um crescimento econômico robusto. Mesmo com a atração de imigrantes, estes tendem a ser temporários, deslocando-se para Guaxupé principalmente durante a temporada de colheita e retornando às suas cidades de origem após o término da safra.

Esse crescimento demográfico está ligado ao fortalecimento do setor cafeeiro, mas também à diversificação econômica e à melhoria das infraestruturas urbanas, atraindo investimentos e promovendo o desenvolvimento regional. As políticas neoliberais facilitaram a entrada de empresas multinacionais e o fluxo de capital, o que impulsionou a expansão de serviços e comércio, contribuindo para a dinâmica socioeconômica dessas cidades que abrigam grandes filiais internacionais do setor.

Nesse sentido, é necessário reconhecer as novas condições impostas ao território para o trabalho, que levaram à expansão do setor de serviços aliados à cafeicultura. Esses serviços variam e atuam tanto nos aspectos produtivos quando no aumento da eficiência e a produtividade. A expansão do setor de serviços relacionados à cafeicultura pode ser melhor visualizada na Tabela 3 a seguir, que detalha a variedade de atividades de suporte agrícola integradas ao circuito espacial produtivo do café nas cidades do agronegócio cafeeiro.

Tabela 3: Serviços ligados a cafeicultura nas cidades do agronegócio



Fonte: Associação Comercial dos Municípios, 2023.

De acordo com a Tabela 3, podemos perceber que Varginha se destaca pela presença de fixos que atuam no setor cafeeiro, incluindo a estação aduaneira, empresas de comercialização e infraestrutura logística especializada. Alfenas, por sua vez, desempenha uma função importante nesse circuito ao abrigar diversos bancos de crédito que facilitam os nexos financeiros da produção, garantindo o fluxo de capital necessários para o desenvolvimento e a expansão da cafeicultura. Guaxupé se sobressai pelo seu potencial de armazenagem, sendo um importante polo logístico graças à capacidade de abrigar grandes volumes de café em seus armazéns, consolidando a cidade como um ponto estratégico no circuito espacial do café.

Para entender melhor a contribuição dos setores econômicos na região, observe a participação no PIB apresentada na Tabela 4. A análise dessa tabela revela uma forte presença do setor agropecuário nos municípios da região.

Tabela 4: Estimativa populacional em 2022 e PIB das cidades do agronegócio na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais em 2021.

Município	População absoluta	Porcentagem da agropecuária no PIB	Porcentagem da indústria no PIB	Porcentagem dos serviços no PIB	Porcentagem da administração pública no PIB	PIB Total (mil/reais)
Alfenas	78.970	9,60%	17,12%	59,30%	13,80%	3.485.867
Varginha	136.467	1,42%	24,70%	62,70%	11,80%	8.093.810
Guaxupé	50.911	2,24%	24,23%	62,30%	11,16%	2.806.366

Fonte: Estimativa da população (IBGE, 2022) e Contas Nacionais e Regionais (IBGE, 2021)

Enquanto a média nacional para o setor agropecuário era de 6,59%, Alfenas apresentou uma participação de 9,60%, o que reafirma sua denominação de “Cidade do Agronegócio” (ELIAS, 2022). Quando se considera também as atividades agroindustriais, comerciais e de serviços das três cidades selecionadas, os indicadores se tornam ainda mais expressivos, refletindo uma integração dinâmica entre esses setores econômicos. O PIB de serviços, em particular, destaca-se ao evidenciar a expansão do setor terciário nas economias urbanas dessas cidades, atendendo à crescente demanda do setor cafeeiro. Isso sublinha a importância dessas cidades na prestação de serviços e no comércio voltado para o agronegócio cafeeiro, consolidando suas funções urbanas como núcleos essenciais de suporte econômico para o setor.

No entanto, apesar da dinâmica econômica impulsionada pelo setor cafeeiro, as desigualdades sociais persistem na região. Isso pode ser observado na Tabela 5 a seguir, que apresenta dados sobre o emprego formal e a média salarial, evidenciando as disparidades ainda existentes.

Tabela 5: Participação do café nas exportações, Geração de empregos e média salarial nas cidades do agronegócio da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais em 2023.

Município	Exportação em US\$/milhões	Participação do café nas exportações	Valor em US\$ milhões	Empregos na cafeicultura	Renda mensal média na cafeicultura em reais.	Incidência da pobreza (%)
Alfenas	403,24	99,70%	402	1.520	1.970	19,61
Varginha	1.613,39 bilhão	93%	1,51 bilhão	926	1.360	16,05
Guaxupé	904,62	99%	892	697	1.640	23,62

Fonte: Comexstat, 2023 e Data Viva, 2023.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 5, observa-se que a média salarial dos empregos relacionados à cafeicultura é baixa, não alcançando dois salários mínimos. Com isso, apesar de as cidades selecionadas para análise serem relativamente menores em termos populacionais, elas apresentam taxas alarmantes de incidência de pobreza. Essa situação evidencia uma desigualdade social preocupante na região, demonstrando que, embora o setor cafeeiro impulse a economia local, os benefícios não são uniformemente distribuídos.

Em contraste, a Tabela 5 revela um elevado volume de exportações nas três cidades destacadas, com uma participação significativa do café no total das exportações. Alfenas e Guaxupé, em particular, apresentam 99% do total das exportações compostas por café,

evidenciando que o agronegócio cafeeiro dessas cidades está globalizado economicamente, gerando receitas na ordem de bilhões de dólares.

Ao analisar os dados sobre exportações, emprego, média salarial e incidência de pobreza, fica evidente que, apesar dos elevados volumes de exportação e do significativo capital gerado pelo agronegócio cafeeiro, há uma limitada melhoria na qualidade de vida da população local. Isso pode ser atribuído ao fato de que os principais agentes internacionais do setor estão cada vez mais transferindo os lucros para fora do país, resultando em uma menor distribuição de recursos na região.

Quanto às infraestruturas fixas que atravessam o território, a presença de sistemas de armazenamento ajuda a identificar os municípios que atuam como centros de recepção e expedição de grãos. Isso está ilustrado na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6: Capacidade dos armazéns registrados junto a Conab das cidades do agronegócio da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais



Fonte: Conab, 2022.

Nesse contexto, destacamos a expressividade de Varginha devido à sua considerável capacidade de armazenagem. Essa cidade abriga a segunda maior cooperativa de café da região (Minasul) e é sede de várias multinacionais estrangeiras atuantes na atividade cafeeira. Além disso, analisando os dados, percebemos que essas cidades desempenham um papel importante na rede, funcionando como centros de recepção e expedição dos grãos. Conseqüentemente, elas possuem um papel nodal no circuito espacial produtivo. Tais cidades, e seus serviços avançados de armazenagem, frequentemente estocam a produção dos

municípios vizinhos, fortalecendo ainda mais sua importância dentro do sistema produtivo regional.

A presença de agentes hegemônicos no setor cafeeiro é significativa. Em Alfenas, destaca-se a Ipanema Coffees, com uma fazenda de mais de 6 mil hectares, controlada por acionistas estrangeiros como a norueguesa Friele, a alemã Tchibo e a japonesa Mitsubishi. Além disso a cidade abriga a COFCO International e a OLAM International.

Em Guaxupé o destaque é a COOXUPE, possui dezenas de armazéns significativos que representam mais de 90% do total de armazenagem da cidade. Vale ressaltar a influência dessa cooperativa em 300 municípios dentro e fora da região, bem como no estado de São Paulo.

Além dos dados econômicos, as cidades analisadas possuem importantes instituições de ensino, como o Instituto Federal do Sul de Minas, a Universidade Federal de Alfenas, e outras universidades particulares, que qualificam a mão-de-obra para a produção cafeeira. Esses centros educacionais oferecem cursos técnicos, de graduação, pós-graduação e especializações voltados para a cafeicultura. Essas instituições não só preparam profissionais para atuar no setor, mas também fomentam pesquisas científicas para a atividade, consolidando a importância dessas cidades no circuito produtivo do café.

Diante das informações supracitadas, entendemos que as cidades do agronegócio cafeeiro encontram-se subordinadas ao mercado global de cafés. Entretanto a especialização produtiva regional gera implicações territoriais significativas, impactando a sociedade, a economia e o meio ambiente, resultando em vulnerabilidade e instabilidade territorial em áreas altamente especializadas em *commodities* (SANTOS, 1978) como é o caso da mesorregião.

Sendo assim, a presente análise revela certa vulnerabilidade inerente a esse processo, seja ligada os dados alarmantes de incidência de pobreza, seja entre os pequenos produtores de café, que se tornam dependentes das cooperativas para acesso a insumos, maquinários, armazenamento, financiamento, assistência técnica e comercialização de sua produção. Essa dependência demonstra o domínio dos agentes hegemônicos sobre a região, já que os pequenos produtores têm recursos limitados e dificuldades para competir no mercado global sem a presença de intermediários.

Essas empresas determinam os métodos e ritmos de produção, controlam a logística, a comercialização e parte substancial do financiamento (FREDERICO, 2013), desempenhando um papel crucial em diversas etapas do circuito espacial produtivo do café. Essa situação

destaca uma hierarquia clara entre as grandes corporações e as cooperativas, que controlam o setor cafeeiro, utilizando o trabalho do agricultor familiar como meio de acumulação de capital internacional e monopolista, vinculado aos principais agentes hegemônicos do setor.

A desigualdade de poder favorece as empresas multinacionais, impondo ônus aos agricultores familiares e condicionando-os à dependência econômica, perpetuando uma estrutura social assimétrica. Essa assimetria não só afeta a produção, mas também influencia os aspectos socioeconômicos da mesorregião.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio cafeeiro assume um papel de extrema relevância na economia brasileira, especialmente na mesorregião Sul/Sudoeste do estado de Minas Gerais, que se destaca como a maior produtora nacional dessa *commodity*. O café permanece como um dos principais produtos de exportação do país, impulsionando o desenvolvimento econômico das regiões envolvidas em sua produção, portanto moldando as dinâmicas socio espaciais.

Atualmente, o circuito espacial produtivo do café está altamente racionalizado para atender às crescentes demandas de produção e comercialização, estabelecendo conexões sólidas entre diferentes entidades federativas e a economia global. Na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, a economia está intimamente ligada à produção cafeeira, solidificando-se como uma destacada região produtiva no âmbito do agronegócio. Nesse contexto, Varginha, Guaxupé e Alfenas desempenham funções urbanas específicas no circuito espacial produtivo do café, destacando-se pela presença de serviços e infraestruturas voltados para o setor.

Essas cidades, ao configurarem-se como funcionais ao campo moderno, com a instalação de fixos como armazéns, instituições financeiras, portos, torrefadoras, lojas de insumos agropecuários e outros, se alinham com a concepção de "Cidades do Agronegócio" proposta por Denise Elias. Essa perspectiva enfatiza a importância das áreas especializadas na produção de commodities e nos serviços correlatos, destacando o papel crucial dos municípios da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais na reprodução do capital do agronegócio cafeeiro.

Enquanto Varginha se destaca como um importante centro logístico da cafeicultura regional, facilitando a movimentação e distribuição dos grãos, Alfenas é reconhecida por seu setor terciário altamente especializado, que atende às demandas produtivas e financeiras da

cafeicultura. Por sua vez, Guaxupé se sobressai por sediar a maior cooperativa de café do mundo, a Cooxupé, que possui uma capacidade de armazenamento de milhares de toneladas e desempenha um papel importante na organização e condução da produção dos agricultores familiares. Isso reflete suas funções distintas e complementares no setor.

Vale ressaltar que as cidades mencionadas ao longo deste estudo representam apenas uma parte das localidades com forte presença no setor cafeeiro da mesorregião, evidenciando a riqueza e complexidade dessa região produtiva.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

5. REFERÊNCIAS

ALVES, F. D. Mundialização da Agricultura na região imediata de Alfenas-MG. Caderno de Geografia, v.33, Número Especial 1, 2023.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ALFENAS. Guia Comercial. Disponível em: <https://www.aciaalfenas.com.br/guia-comercial>. Acesso em: Jun/2024.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE GUAXUPÉ. Guia Comercial. Disponível em: <https://www.aciguaxupe.com.br/>. Acesso em: Jun/2024.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE VARGINHA. Guia Comercial. Disponível em: <https://site.aciv.com.br/>. Acesso em Jun/2024.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB) (2022). Armazéns Cadastrados. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/armazenagem/consultar-armazens-cadastrados>. Acesso em: Jun/2024.

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS (CEDEPLAR). DataViva. Disponível em: <https://www.dataviva.info/pt/>. Acesso em: Jun/2024.

COOPERATIVA REGIONAL DE CAFEICULTORES EM GUAXUPE LTDA (COOXUPÉ). Quem somos, 2022. Disponível em: <https://www.cooxupe.com.br/quem-somos/>. Acesso em: set/2023.

CORRÊA, R. L. Inovações espaciais urbanas – algumas reflexões. **Cidades**, n. 11, v. 7, 2010.

ELIAS, D. Agronegócio e desigualdades socioespaciais. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006. p. 25-83.

ELIAS, D. Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teóricas-metodológicas. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. (Org.) **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ELIAS, D. **Consumo produtivo e urbanização no Brasil: as cidades do agronegócio**. Ciência Geográfica, Bauru, Vol. XXVI - (2): Janeiro/Dezembro, 2022.

FREDERICO, S. AS CIDADES DO AGRONEGÓCIO NA FRONTEIRA AGRÍCOLA MODERNA BRASILEIRA. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.33, v.1, p.5-23, jan./jul.2011.

FREDERICO, S. **Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas**. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 37-48, jan./abr. 2014.

GUIDA, L. C; ALVES, F. D. CAFEICULTURA ESPECIALIZADA NA MESORREGIÃO SUL/SUDOESTE DE MINAS: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL PRODUTIVA. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, **Anais..** Uberlândia, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA e ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Agropecuário, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos>. Acesso em: dez/2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Agrícola Municipal (PAM), 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>. Acesso em: dez/2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/series-temporais/series-temporais/>. Acesso em: Jun/2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Produto Interno Bruto dos Municípios. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/5938>. Acesso em: Jun/2024.

MELO, R. V. Territorialização dos agrotóxicos na agricultura familiar no município de Guaranésia- MG. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, 2021. 153 p.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Comexstat. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso em: Jun/2024.

OCEMG. Anuário 2023 informações econômicas e sociais do cooperativismo mineiro. Sistema OCEMG, 2023. Disponível em: <https://anuario.coop.br/>. Acesso em: set/2023.

SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SANTOS, Milton. A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

VILAS BOAS, L. A atuação das cooperativas na agricultura familiar do município de Nepomuceno-MG: Integração ao modo de produção capitalista e perda de soberania alimentar. Dissertação (Mestrado em Geografia), 2019. 328 f.